

UMA NOVA MENTE NOS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO A Transformática

Waldir Beividas*

> Comentário sobre o livro “Psychopathia Sexualis”, de MD Magno, ressaltando algumas reflexões centrais. Sobretudo, a proposta de uma nova teoria da comunicação (i.e., uma nova postura de mente perante o campo da comunicação) denominada Transformática. Seus pressupostos epistemológicos, sua fundação psicanalítica e suas estratégias de operação na observação e consideração dos fatos.

Comunicação - Informática - Epistemologia – Psicanálise

> Comments on the book “Psychopathia Sexualis”, by MD Magno, bringing up some of its more important reflexions. Above all, the proposal of a new communications theory (i.e., the attitude of a new mind facing the communications field) named Transformartics. Its epistemological bases, its psychoanalytical foundations and its operational strategies in the observation and consideration of facts.

Communications - Informatics - Epistemology - Psychoanalysis.

Na história de um procedimento discursivo, qualquer que seja, científico, teórico em geral, artístico, seja qual for, o difícil é conseguir abandonar as formações anteriores e procurar assimilar as novas formações, mesmo que elas sejam menos comprometidas, mais manejáveis, mais leves que as anteriores.

MD Magno(2000_b) : 242)

Introdução

Este breve artigo se propõe como um *comentário* sobre a recente publicação do livro “*Psychopathia Sexualis*”, de MD Magno, Editora da Universidade Federal de Santa Maria – RS, 2000, 454 pp. Nele quero privilegiar a atenção na proposta do autor sobre um novo tipo de abordagem, a sua *Transformática*, que considero mesmo uma nova postura para o campo da Comunicação, isto é, para as teorias várias que tentam dar conta do vasto universo que é o da inter-relação do homem com o homem, com a informação, com a máquina, com a natureza, com as tecnologias que se interpõem entre eles.

Prefiro o termo comentário àqueles de *resenha* ou *interpretação*, frente aos semantismos que nossa língua lhes distribui. Resenhar significa relatar minuciosamente, fazer descrição pormenorizada, recensão detalhada (das idéias de um texto)¹. Se recuamos um pouco na etimologia do termo em nossa língua-avó, havia em latim um “sentido próprio” para *resignare*, qual seja “rasgar o selo, abrir (uma carta ou um testamento)” sentido que logo agregou aqueles de “violar o segredo, desvendar, descobrir”. Não tenho a presunção dessa penetração intimista no texto de *Psychopathia*, visto que meu contato mais sistemático com a obra de MD Magno é recente, pouco calejado, ainda não curtido no tempo que deve. Por último, um sentido figurado também se juntou a *resignare*, aquele de renúncia, de submissão paciente, enfim, de resignação (ao texto). Ora, isso é o próprio avesso do que o nosso livro quer apresentar como postura exigida perante o painel contemporâneo do conhecimento, da psicanálise, da epistemologia filosófica ou das epistemes científicas. O teor do livro como um todo pleiteia um não abrir mão de contestar os saberes já constituídos – ou as “formações” (discursivas) já instauradas com seus latifúndios e poderios – quando se tem a convicção de

um aparelho à mão, suficientemente capaz de apresentar um saber alternativo, ou uma formação outra a brigar na arena geral das formações.

Por sua vez o termo *interpretar* também não serve aqui, porquanto, além dos seus semantismos um tanto presunçosos de “explicar, explanar ou aclarar, traduzir ou verter”, ainda ecoa gravemente um certo ‘juízo’ : nosso sempre Aurélio coloca como primeira acepção para o termo a de “ajuizar a intenção, o sentido de”. Como se vê, também aqui o empreendimento seria precoce, talvez ingênuo e certamente temerário. Se o leitor encontrar algo de julgamento ou apreciação no que vai ler, elas traduzem na verdade a maneira como o texto *me afetou* e, de maneira mais global, como me afetam as propostas globais da Nova Psicanálise, do autor de *Psychopathia* e mentor da Transformática.

Comentário, pois. O termo eleito vem do latim *commentor-aris*, com as acepções de “ter em mente, relembrar, considerar, refletir em, estudar, meditar, tratar de, escrever, compor, redigir, preparar (pela meditação)”. Todas elas servem, isto é, indicam mais acertadamente o que se propõe aqui: não a pesada leitura de explicação, de julgamento sobre o livro em questão, mas a apresentação ao leitor das impressões ou do itinerário de uma experiência de leitura, o testemunho de uma leitura de expectativa interessada, atenta aos desdobramentos das propostas contidas no texto. Leitura interessada, e alentadora, porquanto vejo no empreendimento de MD Magno uma possível saída para a estagnação mais ou menos generalizada que tomou conta do campo psicanalítico, mormente o pós-lacaniano, e, no tema que interessa mais localmente aqui, porque vejo na sua Transformática uma proposta singular para uma teoria geral da Comunicação².

Uma última pre-caução se impõe diante da leitura aqui posta. Ilustro-a com um episódio um tanto anedótico que relembro de memória. Há uns dez anos, numa reportagem de revista com Lévi-Strauss, um repórter comunicava-lhe que ele teria sido naquele ano, ou ano anterior, o pensador mais citado mundialmente entre todos os autores de teoria. E lhe perguntava o que pensava disso. Curiosamente, o grande antropólogo, contra qualquer outra expectativa, respondeu que se sentia bastante desconfortável, de vez que, em quase todas as remissões, comentários ou resenhas sobre seu pensamento, que lhe fora dado ler, em quase nenhuma ele não se reconhecia. Estará portanto o autor de *Psychopathia*, como se vê, condenado a não se reconhecer nos comentários a seguir: como filhos, uma vez paridos, nada garante o paradeiro das teorias, seus contatos, suas amizades, suas ‘transas’ – para antecipar aqui um termo bastante encarecido pelo autor para sua Transformática, a ser retomado adiante.

Transformática, Gnômica, Parangolés, Revirão, Pleroma...

Essas cautelas antecipadas, ou mesmo a pequena incursão etimológica no baú da língua-avó para ressaltar os semantismos que melhor enquadrem a leitura, não têm nada de gratuito. São já lições derivadas de um dos cuidados com que o autor de *Psychopathia* nos brinda no esmero com que vem compondo a criação dos conceitos de sua *Nova Psicanálise*. O leitor pode ser de início surpreendido com uma profusão de termos pouco usuais que vai encontrar no seu discurso: *cais absoluto, gômica, parangolé, polética, hiperdeterminação, pleroma, idioformação*... Até mesmo o filósofo, Marcio Tavares D’Amaral, convidado a uma das sessões do seminário de 96, nota que “o Magno inventa as próprias palavras”, com os riscos e benefícios do gesto (p. 343). Mas o autor se explica:

Não invento palavras novas. Utilizo as possibilidades da língua. Quando estou usando a riqueza da língua, não estou inventando palavras novas, e sim articulando sintagmas pouco usados ou nada usados que estão disponíveis no seio da língua [...]. Quando se tenta introduzir conceitos que não estão disponíveis ou

não estão disponíveis ainda, é preciso lançar mão de um termo em uso, corriqueiro, ou lançar mão de uma formação antiga, etimologicamente adequada, ou lançar mão de formações disponíveis, sintagmas mais ou menos prováveis na língua, para chamar atenção, por distinção, para a diferença que se está colocando (p.392).

A explicação é judiciosa sob vários aspectos. De fato, a exploração de uma língua, nas suas disponibilidades atuais, na recuperação de etimologias antigas, na revitalização de semantismos menos corriqueiros é não só uma operação legítima, como até mesmo um exercício necessário. A língua agradece, porque cresce. Ademais, toda teoria que se propõe como um novo recorte ou nova formatação dos campos em exame exige uma operação terminológica. Assim como o nome próprio é signo da identidade de um indivíduo, uma nova terminologia, isto é, o corpo de conceitos de uma teoria, é sua identidade. *Psicanálise* foi um nome novo inventado por Freud. Saussure batizou de *significante* e *significado* a composição de seu signo, nomes recuperados do antigo e um tanto estranhos à nova época sua. Peirce erige um monumento terminológico, em cascata, para abrigar as dezenas de suas classes de signos: *legi-signo*, *rema*, *sinsigno*... Ora, se assim entendemos, e concedemos de bom grado, por que, então, um autor brasileiro estaria condenado a repetir terminologias quando seu recorte conceptual não cabe na mesma zona semântica dos termos disponíveis em outras teorias? ou quando pretende com sua proposta global de abordagem das *formações* existentes “uma mudança radical de postura”? (p.227)³. Construir novas teorias, novas terminologias, precisamos galgar esse passo, não é apenas privilégio da língua alemã, inglesa ou francesa. O Brasil é já um país crescido para ficar se enxergando ainda como colônia acanhada a apostar tacanhamente que somente o que vem do estrangeiro seja algo mais consistente. *Yes* nós temos cabeças! (Cf. Dantas, R.A. e Alonso, A., 1999).

Esses primeiros comentários me parecem necessários para que a leitura do livro em questão – e ademais de toda a demais produção de MD Magno – não seja vitimada pela falsa impressão de que seus termos novos não passem de simples charme a nomear coisas velhas, ou sabidas, seja no campo da psicanálise, seja em qual outro for, ou, pior ainda, vitimada pela demissão precoce da leitura. Diante de algo novo, em teoria, é sempre a *paciência do conceito* a melhor chave de entrada. Nesse sentido, as proposições e conceitos da Nova Psicanálise, como movimento geral de uma orientação teórica, e da Transformática, como metodologia de operação, não demanda nada além da mesma paciência e persistência com que o leitor de Freud se lança para entender seu *Trieb*, seu *Nachträglich*, sua *Verwerfung*, com que o leitor de Hegel o faz diante de seu *Aufhebung*, ou com que o leitor lacaniano se debruça para entender seus *Noms-du-père*, seu *parlêtre*, sua *jouissance* ou seu enigmático objeto *petit a*⁴.

Psychopathia Sexualis

Antes de averiguarmos a proposta mesma da Transformática, cujo mentor se propõe a preparar com ela os requisitos de uma “vasta teoria da comunicação, que seria o escopo mesmo da NovaMente” (1999_b: 37), convém visitarmos o título do livro que examinamos, suas motivações, suas implicações. O leitor, estudante ou pesquisador em comunicação, eventualmente interessado no projeto, poderá ficar surpreso e meio atônito com a afirmação e defesa do estatuto “psicanalítico” para a nova teoria. Mais ainda, para a própria *Gnômica* – que visitaremos no próximo item – com que o autor se propõe a disputar os espaços cognitivos de exploração do campo do próprio conhecimento. Não haverá nisso algum proselitismo ou alguma tendenciosidade, pergunta-se?⁵

Na maneira como vejo pessoalmente a inflexão psicanalítica da Transformática não cabe o receio. E não há necessidade de procurar alguma justificação disso fazendo apelo ao

direito, não obstante, legítimo de um recurso psicanalítico às teorias da comunicação. Por que, afinal, estaria vetado à psicanálise um ingresso participativo num campo onde desfilam outras teorias como semióticas (Peirce, Greimas, Eco), semiologias (Barthes, Prieto), filosofias (Habermas), teorias narrativas (Bremond, Greimas), lingüísticas várias, teorias mediáticas diversas, teorias informáticas em geral ? Não se trata, no caso, propriamente de qualquer pleito por democratização. O que me parece decisivo é que não haveria outra maneira de ser da Transformática senão ao modo de uma Psicanálise quando é deste campo que ela extrai seus axiomas fundantes, seus princípios primeiros, sua por assim dizer vitalidade conceptual. Nesse sentido *Psychopathia Sexualis* pode então figurar como metáfora-emblema da razão axiomática que sustenta a nova teoria da comunicação.

Dito em termos mais simples, toda comunicação é proposta como uma ininterrupta relação – trânsito, transferência, “transa” – entre duas ou mais *formações* (no sentido já visto acima)⁶. E quaisquer formações carregam como *pathos*, isto é, como “afetação” indelével a determinação fundante de ser ... *sexual*. *Psychopathia Sexualis*, título que o autor busca de uma obra de Krafft-Ebing, sexólogo contemporâneo de Freud, de 1886, quer desse modo ordenar e ressaltar como mola fundante de todo ser, de todo homem, “a nossa afetação primordial pela sexualidade” (p.12). Esse *pathos* “inarredavelmente sexual”, que se desdobra nas paixões, ações e cognições humanas – “tesão, amor, ódio, ternura, ira guerra, arte, ciência, religião, etc.” – dispõe-se como lei maior, chamada por isso ALEI, a reger tudo o que há, na forma como há, nas suas incontáveis formas de havência, lei que rege os modos de relação, de tramas, de transas, entre as formações. O *pathos* sexual é, então o “paradigma da psicanálise”, desde Freud (p. 13-14):

[...] **toda e qualquer manifestação submetida à ALEI do haver é nada mais nada menos do que inarredável e absolutamente sexual.** Assim o ciclo se fecha: **não há manifestação da formação chamada humana senão sexual.** Foi esta a nova (nem boa nem má) que a psicanálise desde sempre nos trouxe (p.20).

Indo, pois, às conseqüências: se “a vigência da ALEI para a Nova Psicanálise é a vigência sexual do Haver”, então a coisa vai mais longe do que admitir apenas, como Lacan, que “a realidade do inconsciente é sexual”; na verdade, é a própria *estrutura* do Haver que é sexual, é a realidade mesma de todo o Haver que é sexual, mesmo porque “não há outra” (p. 29). Porque, enfim, “não se tem outra coisa além do princípio do prazer” (p.197).

O estudante logo protesta, abertamente, e o pesquisador em comunicação, mais veladamente: “não é possível ver sexo em tudo”. Na verdade não é *fácil* ver o (estatuto do) sexual em tudo. Freud passou a vida apanhando da comunidade pela aventura, sendo tido como um perverso pansexualista. Não é fácil mesmo, sobretudo quando vemos o sexo, em geral, na grande angular dos comportamentos mormente copulativos da nossa espécie, ademais com a lente turva das poeiras culturais, aí grudadas milenarmente, e enquadrada quase sempre para o viés sujo e moralista da coisa. Ao invés disso, a psicanálise, desde Freud, pleiteia a pequena angular ou a focalização ‘microscópica’ dos empuxes primordiais dos seres, que Magno, na sua tentativa própria, traduz pela recuperação e reedificação do conceito freudiano de *pulsão*: a mola de empuxe, ou de tesão, que aciona o *desejo* de tudo o que há, na direção da sua intensificação ou exasperação máxima de atingimento, isto é, do seu apaziguamento – e que apontaria, no limite, para o desejo de ...*não haver*, impossível por definição – é a lei (ALEI) fundante de toda formação do Haver. Daí a estenografia mínima para tal lei: haver desejo de não haver, ou A♦Ã (p. 29). O sexual tomado como *axioma de fundação* e não como pragmática de educação, esse parece, pois o sentido a ser retido quando vemos proposto o paradigma da psicanálise, e da Nova Psicanálise, como sexual “de Última Instância” (p.14).

Façamos uma analogia mais simplificada. Assim como um cientista de laboratório, por

exemplo, ao colocar em sua lâmina de microscópio as células ou as bactérias que vai examinar, precisa injetar algum líquido contrastante para ressaltar, pela coloração, umas e não outras formas celulares, ou bacterianas, as que reagem a tal líquido, assim também os aparelhos teóricos de ‘medição’, em psicanálise, funcionam como instrumento de ressaltar, de coloração, de *catálise*, para que o desejo (o sexual, a pulsão) se *evidencie* no modo peculiar como ele vige numa ou noutra formação, melhor dito, em todas elas. Assim como a náutica tem aparelhos *quadrantes* e *sextantes* para recortar o horizonte e determinar a posição dos astros que lhes servem de referência, assim também os aparelhos psicanalíticos – sua axiomática conceptual – servem de régua “sexualizante” no seu horizonte de observação das formas haventes. A axiomática pulsional é, pois, a sua por assim dizer “sexante”, se quisermos brincar um pouco com as palavras. Para esses aparelhos de sua navegação, para essa régua sexualizante, a Nova Psicanálise recupera o nome maneiro e jocoso, de Hélio Oiticica, de *parangolé*⁷.

O parangolé da Nova Psicanálise seria então uma certa ‘malandragem’ de passar a lábia em delatar, ressaltar a incidência do sexual nas formações várias do Haver. A conotação jocosa pode assustar o leitor, mas isso significa nada além do que reconhecer que qualquer teoria, seja científica seja filosófica, não faz outra coisa senão mover seus arsenais conceptuais ou tecnológicos, na arena agonística entre elas, como simplesmente seus parangolés, é claro, vestidos de “epistemologias” mais sérias, na presunção da verdade nas mãos, e “passando a lábia” sobre as incertezas, as aporias, seus “recalques”, escondidos na manga.

Então, a psicanálise não vê “sexo em tudo” como temia o assustado estudante e, ademais com ele, a grande maioria daqueles pesquisadores que relutam em se informar melhor sobre suas proposições fundantes. Ao contrário, ou mais precisamente: “ela não vê sexo em tudo mas sim tudo no sexo” (p. 20). Entendo: vê todas as formações na ótica que sua instrumentação, seus parangolés, catalisam como manifestações da ALEI fundante, de ordem sexual, pulsional. Noutros termos, como nos faz entender o autor de *Psychopathia*, Freud focalizou no seu microscópio, isto é, na sua parangolagem, a intensidade da manifestação da sexualidade dessa formação chamada humana, como uma das formações (do Haver), mas intuiu e especulou *para além*, e a Nova Psicanálise tirou dessa lição o “modelo mesmo de toda e qualquer trans-ação do e no Haver” (p. 20). A Transformática é então imaginada e lançada como o parangolé que vai observar todos os modos dessa transação, do trânsito entre as formações, das transas entre elas, sob a régua da sexualidade.

Gnômica e Transformática

O leitor verificará nas páginas que ocupam os dois capítulos finais de *Psychopathia*, dedicados a introduzir a Transformática, que esta é uma operação metodológica que se rege segundo os princípios de ordem mais geral de uma *Gnômica*. Esta seria uma espécie de base “epistemológica” da própria Transformática. O termo vai entre aspas visto que o propositos, mesmo admitindo que sua Gnômica é ainda uma tarefa em construção, um conceito em desenvolvimento, mesmo assim faz questão de distanciar-se dos modos já constituídos pelos saberes hegemônicos da ciência e da filosofia, herdados até hoje. Na verdade, denuncia a epistemologia como um “falseamento do conhecimento que já vem produzido pela vontade epistemológica que já vige anteriormente aos fatos” (p. 403). Prefere considerar sua Gnômica como uma Gnoseologia, qual seja, “considerações a respeito da produção de conhecimento de qualquer natureza” (p. 391):

Toda e qualquer havência, o que quer que haja em qualquer nível, da materialidade supostamente não viva, da matéria viva, do pensamento, da

articulação linguageira, de qualquer articulação simbólica, a Gnômica considera qualquer dessas formações no mesmo registro, no mesmo âmbito de origem: são todas Formações do Haver. Resta saber quais os seus materiais, seus modos de produção, suas articulações internas e externas. É uma generalização do conceito e uma consideração das formações todas elas no mesmo nível original. Isto se coaduna perfeitamente com a situação contemporânea do conhecimento em geral, das reflexões genéricas a respeito das possibilidades de conhecimento, das críticas que o século faz à suposta hegemonia do pensamento filosófico, ou do pensamento científico (p. 391).

A meu ver, o autor quer evitar com isso que, utilizando-se tradicionalmente das metodologias científicas ou epistemologias filosóficas, estas acabem se revelando como camisas-de-força que imponham aos fenômenos – às formações consideradas – respostas um tanto ‘forçadas’, um tanto ‘armadas’, segundo os critérios científicos ou filosóficos que lhes servem de parâmetro. Ao contrário, a sua Transformática deveria se prontificar como outro tipo de paradigma, na forma de um *acolhimento aberto* “um longo, infinito e variável processo de colheita e arquivamento das transas entre formações (...) uma vasta computação de ‘todas’ as nossas possíveis observações e anotações de todo e qualquer tipo de transação entre formações” (p. 395).

Para ilustrar a plasticidade desse acolhimento computacional, o autor recorre ao exemplo de pesquisa de uma cientista, Barbara Mc-Clintock, citado por Isabelle Stengers. Acompanhemos então a ilustração:

Essa cientista observava milhos – e veio a ganhar o Prêmio Nobel, embora, como aponta Stengers, fosse chamada por seus colegas de ‘velha maluca’. Ela fazia algo que parecia mesmo uma loucura em seu laboratório tão diferente dos demais cientistas. Ninguém conseguia entender aquilo, pois ela não apresentava nenhuma metodologia reconhecível e clara para explicar seu modo de operação. Ela simplesmente colhia todas as informações que o milho pudesse lhe oferecer, todo modo de comportamento do milho e de comportamento dela mesma diante do milho, do milho diante do laboratório, do laboratório diante dela, dela diante do fungo, do fungo diante do milho. Ficava conversando ‘loucamente’ com essas formações. Anos a fio, quarenta anos de papo com os grãos de milho [...]. O papo com o milharal acabou resultando, por um processo quase computacional disso tudo, num entendimento definitivo do milho, com sérias conseqüências, inclusive alimentares, para o futuro da humanidade [...] Por que essa mulher se tornou assim assustadora? Porque não seguiu os chamados ‘métodos’, isto é, os caminhos diretivos previamente traçados para o bom comportamento laboratorial. Ela, de certa forma, deixou transar o milho em plena conformidade com suas (dele) pulsões [...] mandou às favas toda imposição de regra advinda de qualquer epistemologia, recusou-se a todas as metodologias em vigor e foi transar diretamente com as formações. Foi computar o que se passava nas transas entre as formações (p. 395-7).

Noutros termos, a cientista ilhou-se com seus milhos, “se fantasiou de milho. Ela vestiu o parangolé do seu milho e investiu esse parangolé. Ela, afinal de contas, verdadeiramente hum-milho-ou-se, isto é, um-milhou-se” (p. 406).

É com essas aberturas de mente e plasticidade de acolhida, diante das formações em consideração, que a Transformática vem à luz para ser a “metodologia” de operação de conhecimento, operação da Gnômica. O proponente declara e aclara que o nome escolhido para o recém-nascido tem o patronímico da *Informática*, pois se inspira de “certa ordem computacional” (p. 397) para o registro e armazenamento dos dados acolhidos. Mas a razão

maior, a meu ver, não estaria apenas nisso. Transformática se motiva com mais vigor na idéia de trânsito, de “transa infinita entre formações” (p. 395), pela qual se promovem contínuas “transformações”: “a transa entre formações: é isto que constitui a operatividade da Transformática no seio dessa coisa geral, dessa Gnoseologia que chamo de Gnômica” (p. 397). Motiva-se também no conceito psicanalítico de *transferência* que o autor vem reedificando há bom tempo e ampliando significativamente sob o conceito de *vínculo*, isto é, todos os possíveis modos vinculares entre quaisquer formações (Cf. Magno, 1994).

Munida, pois, com esses quesitos, a Transformática se põe em ação para “considerar” as formações em exame naquilo que exibem de forças “recalcantes”, forças de “resistência”, “determinações” ou “sobredeterminações”, enfim, forças “sintomáticas”, estes também conceitos içados ou cunhados a partir da psicanálise freudiana (e também lacaniana), mas redimensionados e reorientados da visão local da clínica de consultório para o horizonte largo de uma *Clínica Geral*. Geral, porque considera o que quer que haja, que participe e conforme a sintomática de cada formação, isto é, considera cada formação como sintoma seu⁸. Clínica, porque além de “declinar” as variedades sintomais múltiplas das formações, procura “fazer declinar”, isto é, diminuir as suas fixações sintomais (Cf. Santos, 1999: 23). Clínica também, porque de herança do criador da psicanálise – para quem a escuta clínica, chamada ‘flutuante’, deveria acolher qualquer material do paciente, com equidistância e equiflutuância, sem privilégios, valorações ou hierarquizações – é como se a Transformática operasse uma Gnoseologia “clínica”, talvez melhor, uma clínica gnoseológica, isto é, trocasse a observação *interessada* das epistemologias, já constituídas, por uma *observação flutuante* das formações consideradas, com a bússola voltada para um ponto de máxima “indiferenciação” ou “neutralização” perante os valores em jogo, isto é, perante a crosta sintomal grudada nas formações e nas transas entre elas⁹.

Trata-se, pois, com a Transformática de uma observação *axiológica* das formações, que examina, indiferenciadamente, a agonística dos valores em jogo nos sintomas das formações, e não de um engajamento *ideológico* que se bata por um valor, em detrimento de outros. É nisso que me é dado ver o que o autor de *Psychopathia* propõe como sendo o *estatuto místico* da Nova Psicanálise, a abrigar sua Transformática, ou, o que vem a dar no mesmo, o que propõe como a experiência do *cais absoluto*, termo que empresta de Fernando Pessoa: não o misticismo prisioneiro de religiões pequenas, mas o misticismo da soberania de um lugar (que se visita com raridade) de onde o mundo (as formações que há) é visto com a mais plena indiferenciação, onde se promove o “valetudo”, ressalve-se, não no sentido baixo de libertinagem à deriva, mas no sentido latino, valetudinário, qual seja o de que para as formações todas ‘doentes’, uma *cura* é possível, *em geral*¹⁰. É assim, brevemente, que vejo como lançados os dados mínimos de operação da Transformática, de estatuto psicanalítico, místico, como um novo tipo de intervenção gnoseológica, ou gnômica, no mundo (da comunicação).

Notas

* Doutor em Semiótica e Lingüística (USP). Pós-Doutor (École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS - Paris). Professor de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (UFRJ).

1. O que não seria possível, no caso presente, e nos limites de um artigo, visto que o livro em exame se deixa ver como espécie de ponta de iceberg da proposta muito mais ampla de uma *Nova Psicanálise* – que ultimamente o autor vem chamando de *Novamente* – proposta que se constrói, peça a peça, ao longo de um quarto de século, de seminários

anuais, ininterruptos, e de reflexões *cotárias* – no sentido que o Aurélio dicionarista dá ao termo latino *cotes* = pedra de amolar, mó – isto é, de reflexões e conceitos que se afiam paulatinamente. O leitor poderá consultar os títulos desses seminários, a maioria publicada, no final da edição de *Psychopathia*, este mesmo proveniente do seu seminário de 1996.

2. Singular e mesmo tentativa audaciosa, porque pretende acionar a Psicanálise, seus axiomas fundantes, seus conceitos centrais (desejo, sexualidade, transferência, pulsão, recalque) na operação nada menor do que a de um aparelho de conhecimento, como um novo tipo de Gnoseologia – que o autor nomeia *Gnômica* – a concorrer com a episteme científica e com as epistemologias filosóficas. Tentativa audaciosa ainda, porquanto a Psicanálise acionada vem içada do reduto (protegido) da clínica de consultório e vai lançada abertamente na arena externa das ciências e filosofias contemporâneas, na proposição de uma *Clínica Geral* da mente humana, no desafio de resolver “as dissensões no campo do saber contemporâneo” (p. 391), ao modo de uma *pragmática de operação* “capaz de intervir no mundo, nos problemas da crise contemporânea, contemplando a atividade pensante em quaisquer de suas manifestações” (Cf. Kahl, 2000_a: 157).

OBS. Nas remissões ao livro aqui comentado coloco entre parênteses apenas o número da página citada. Nos demais casos a citação é a de praxe.

3. O próprio termo *formação*, por exemplo, recebe uma acepção peculiar: tudo o que há exhibe sua modalidade própria de ‘havência’, isto é, de sua formação, primária, se se considera o ‘havente’ como algo pertencente ao dito mundo natural, inclusive o humano, seu corpo etc., secundária, se a formação se refere às construções pragmáticas (artefatos industriais) ou cognitivas (teorias) e tudo o mais criado pela cultura humana para intervir no campo do *Haver*, do que quer que haja (Cf. Santos, 1999: 28-35).
4. Com a vantagem, no presente caso, de poder contar com um *Vocabulário Básico da Nova Psicanálise* (Cf. Santos *et al.*, 1999) ou mesmo, por vezes, com um pequeno glossário ao final de um ou outro artigo, como por exemplo neste mesmo periódico (Cf. Magno, 1999_b).
5. Cf. quanto a isso: “(a) uma teoria completa da comunicação não pode não ser uma teoria psicanalítica, e (b) a psicanálise não é senão uma plena teoria da comunicação” (Magno, 1999_b: 29 e Silveira Jr., 1999: 79).
6. Sobre a ênfase, as extensões e pertinência do termo *transar* confira-se Magno (1999_b).
7. O termo “parangolé” agrada ao autor de *Psychopathia*, primeiro, por sua brasilidade, depois por seus efeitos conotantes, a seu ver superiores à metáfora, “como algo que se coloca e intervém em determinado campo *fazendo-o intensamente manifestar-se*” (Magno, 2000_c: 251 – itálicos meus). Fica jocoso por ressoar o sentido de “conversa fiada, lábia” que o dicionário do Aurélio nos apresenta.
8. É nessa orientação *geral* que a Nova Psicanálise quer se desenhar como Transformática, a influir nos estudos da comunicação (Cf. Silveira, 1999 e 2000), no tema da política (Cf. Alonso, 2000), em estudos de literatura, de poética, de estética (Cf. Gonçalves, 2000), como também nas discussões em epistemologia e filosofia (Cf. Kahl, 2000_a e 2000_b).
9. Confirmam-se aqui privilegiadamente os capítulos “O neutro e a maranha”, “A maranha e o neutro” e “A clínica (entre a maranha e o neutro)” em *Psychopathia* (p. 205-259), como também Santos (1999: 39-41 e bibliografia aí indicada).
10. Em Nassim (2000) o leitor encontra um trabalho totalmente dedicado a situar a pertinência e as fontes de inspiração para a determinação do estatuto místico da Nova Psicanálise.

Bibliografia

- ALONSO, A. “A arte da pilotagem” in Gonçalves, R. P. (org.) *Subjetividade e escrita*. Santa Maria: Ed. UFSM/EDUSC, 2000. p. 185-226.
- GONÇALVES, R. P. “Desassossego e ato poético: o caso Pessoa”. Gonçalves, R. P. (org.). *Subjetividade e escrita*, Santa Maria: Editora UFSM/EDUSC, 2000. p. 167-83.
- KAHL, M. L. F. *A interpretação do sonho de Freud*. Santa Maria: Editora UFSM, 2000_a.
- KAHL, M. L. F. “Is metaphysics bad for you?” (Sobre boas e más metafísicas). Gonçalves, R. P. (org.). *Subjetividade e escrita*. Santa Maria: Ed. UFSM/EDUSC, 2000_b. p. 83-97.
- MAGNO, M. D. *A natureza do Vínculo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- MAGNO, M. D. “A psicanálise, Novamente”. Dantas, R. A. e Alonso, A. (orgs). *Pensamento original: made in Brazil*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor Editora/UniverCidadeDeDeus/...etc.–Estudos Transitivos do Contemporâneo, 1999_a. p. 185-222.
- MAGNO, M. D. “Transar: transir. Elementos da Transformática”. *Lumina* V. 2 n° 2, jul/dez. Juiz de Fora: UFJF, 1999_b. p. 29-49.
- MAGNO, M. D. *Velut Luna. A Clínica Geral da Nova Psicanálise: seminário 1994*. Rio de Janeiro: Novamente, 2000_a.
- MAGNO, M. D. *Pshychopatia Sexualis: seminário 1996*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000_b.
- MAGNO, M. D. “Parangolagem” in Gonçalves, R. P. (org.). *Subjetividade e escrita*. Santa Maria: Editora UFSM/EDUSC, 2000_c. p. 251-275.
- MAGNO, M. D. *Arte e Psicanálise. Estética e Clínica Geral: seminário 1995*. Rio de Janeiro: Novamente, 2000_d.
- NASSIM, S. *A lembrança do silêncio. Mística, Filosofia e Psicanálise*. Rio de Janeiro: NovAMENTE Edidora, 2000.
- SANTOS, G. (et al.). *Vocabulário Básico da Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: Novamente, 1999.
- SILVEIRA Jr., P. M. “Transformática. Programa original de pesquisa em comunicação”. *Lumina* V. 2 n° 2, jul/dez. Juiz de Fora: UFJF, 1999. p. 79-108.
- SILVEIRA Jr., P. M. “Eu, escrita etc” in Gonçalves, R. P. (org) *Subjetividade e escrita*. Santa Maria: Ed. UFSM/EDUSC, 2000. p. 227-250.